

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

# CONTOS E NOVELAS

CINZA DO LAR • CASA PATERNA

CAMINHO DE CONSORTES • FOLHAS DE XISTO



**CINZA DO LAR**

- 1.<sup>a</sup> edição: Imprensa do Douro Editora, Régua, 1951.
- 2.<sup>a</sup> edição: Imprensa do Douro Editora, Régua, 1970.
- 3.<sup>a</sup> edição: a actual.

*Cinza do Lar não quer dizer que eu tenha encontrado o germe destes contos na cinza do meu lar. Significa apenas que me deparou a memória — lareira íntima varrida, mas não extinta. Do monte da cinza, quando se esborralha, surgem centelhas vivas — partículas de realidade que a imaginação exalça e multiplica.*

## OS BOIS

*Ao Dr. Nuno Simões*

O lavrador queria principiar com a vindima e não tinha bois. Tinha bois, mas era como se os não tivesse. Comprara-os ainda em solteiro, fizera com eles o serviço da casa sem desgosto, mas estavam cansados. Só serviam para fazer estrume.

Sem bois capazes de aguentar a vindima, podia o lavrador acarretar as uvas em cestos como os outros, às costas de homens assalariados, mas... tal expediente seria uma tolice. Os jornais anunciavam-se caros... Cada cesto ficaria comprado. Só com uma junta de bois valentes se poderia o lavrador remediar, tanto mais que a sua melhor vinha, aquela que lhe enchia os tonéis, ficava longe, mau caminho, lá para baixo, assente num cabeço donde se avista o rio Douro. Só com bois!

Calculem agora a aflição do lavrador. Queria começar com a vindima e não tinha bois para fazer a vindima. Passava tardes inteiras a olhar para os bois velhos como se dissesse: estais prontos!

O moço acompanhava-o neste pensamento e exclamava: — Coitadinhos! Só têm no sabugo! — Depois, virando-se para o patrão, perguntava: — Quando é que vossemecê se tira dos seus cuidados e me compra outros? Com estes

dois cações, má rais me parta se trago cá pra riba a primeira dorna!

Este fraseado do moço era uma facada revolvida no peito do lavrador.

— Cala-te! Cala-te! Não sabes o que dizes...

Para obviar a uma questiúncula em que o moço levaria a melhor, mandava-o calar e virava-lhe as costas.

— Sim, senhor — murmurava o moço. — Sempre hei-de ver com que hei-de fazer a vindima!

Ia-se aos bois velhos e chamava-lhes padiolas, cangalhos, arcanhos... Conhecía a linguagem pictural significativa de magreza e decrepitude.

Ora não havia remédio senão começar com a vindima. As uvas tinham apurado o suco. Daí em diante, o mais que fariam era secar e apodrecer com sol ou chuva.

O lavrador mandou lavar os lagares e ensebar os tonéis. Varreu o armazém e até o caiou. Dizem que a cal é desinfectante... Fez o que é dado em vésperas de vindima. Fez mais do que é dado... Mas, a respeito de começar com a corta, espera aí, que eu já começo.

O moço, vendo os preparativos da grande função conclusos e olhando para os bois velhos, pôs-se a tremer e a chorar como uma criança. Caiu porém em si e deu dois murros na cabeça — sinal de resolução. Subiu umas escaleiras e entrou a uma sala, onde o amo, com a mão na frente, cismava.

— Patrão, quero contas! Faça-me contas, que me quero ir embora! Ou então quero uns bois novozinhos...

Isto foi como um tiro. O patrão perdeu o sangue todo, mas, para não dar parte de fraco, vociferou:

— Vai pró Diabo! Se eu tivesse aqui à mão um estadulho!...

O moço, cheio de medo, sumiu-se pela escada abaixo como uma pouca de água entornada.

O lavrador era orgulhoso. Nunca pedira emprestados cinco réis. Sempre se remira com o que tinha de portas dentro. Mas, naquele ano, pensara em pedir meia dúzia de contos sobre os bens, porque o comprador da última colhei-

ta rebentara acto contínuo à carregação sem lhe pagar. Fez isto airosamente, pois nem empobrecera nem entrara à cadeia. Pobre ficou o lavrador. Se não empenhou os bens, é porque se ateuve a extremos de economia. Passou a usar remendos no casaco.

Na tarde em que o moço lhe puxou por contas, desfez o soalho da saleta, passeando de cá para lá e de lá para cá sem descobrir maneira digna de comprar os bois. No momento em que impontou o moço, crescendo para ele como se o quisesse esganar, prometeu a si mesmo adquiri-los na primeira feira. Empenharia a camisa ou iria incomodar pessoa muito importante, cuja imagem o visitou súbita e clara como um alumio. Compraria os animais para calar o criado e pôr ponto final num desespero que o agoniava. Compraria os bois. Seria uma junta como não houvesse segunda!

Muita vez lhe passara à porta o capitalista da terra, o Sr. Serafim, homem sério, poupado, mas capaz de prestar o seu favor, numa ocasião, a um amigo. Tinha enriquecido no Porto, com negócio de fazendas, e recolhera à aldeia para descansar no dia em que fez 60 anos. Metódico até aqui... No Porto, aonde ia às vezes, era ainda estimado. Diziam-lhe os antigos colegas:

— Você retirou-se cedo, Serafim. Creia que fez falta.

Quando o capitalista via o lavrador, apertava-lhe a mão com energia e contemplava-o com boa cara. Da última vez, tinha-lhe até dito:

— O senhor é dos meus. Homem trabalhador... Honrado! Muito estimarei ser-lhe útil se um dia precisar...

Estas palavras ressoaram nos dois ouvidos do lavrador no momento em que impontou o moço pela escada abaixo. Disse entre si: «Vou-me ter com o homem! Vou-me ter com ele e hei-de comprar bois que se vejam.»

À noite, sem ninguém saber, procurou o capitalista e pediu-lhe dinheiro emprestado para comprar os bois.

— O que quiser, vizinho, o que quiser... Letra? Não é preciso. Basta a sua palavra. Ora, ora! Já o podia ter dito...

— Muito obrigado.

— Não há obrigado nem meio obrigado. Boas noites, vizinho. Que faça boa feira!

Boa feira fez. Comprou a olhos fechados uma junta de bois fulvos como dois leões. A barbela de cada um abanava como um leque. Os cascos pareciam de veludo, mal poisavam no chão. As ventas fumegavam nuvens que subiam ao céu gloriosas. Se houvesse prémios na feira, aquela junta merecia o primeiro prémio. A não ser que não houvesse justiça...

De volta a casa, ao cair da tarde, pelo caminho longo tropicado, mugido e zurrado de alimárias de feira, o moço não se calava:

— Isto, patrão, merecia que se botasse ao jornal! Vosse-mecê acordou tarde, mas acertou... — Apontava com a aguilhada a cernelha dos bichos. — Olhe como eles caminham, meu patrão. Parecem dois soldados!

O lavrador, montado num cavalicoque, desviava a cara, fingia que não ouvia.

— Eu cuido que bois assim nunca se viram desde que o mundo é mundo. Já me estou a encher de rir com a gente que há-de vir às portas para os ver passar.

Sobre o cavalo, com a cara virada à banda, nem chus nem bus... o patrão!

— Não tenho nada, mas... tivesse eu a fortuna do Sr. Serafim! Rais me partissem se eu a trocava por estes dois castelos!

— Cala-te! Não sabes o que dizes...

Desta vez, o lavrador falou. Mas, mal acabou de falar, não teve mão no queixo. Deixou-o cair até embarrar nos botões do colete ou nas crinas do cavalicoque.

— Não sei o que digo? Ah! Meu patrão! Não sei o que digo? Ah! Ah! Ah!

Chegaram a casa de noite. O lavrador deitou-se, mas não adormeceu. Tinha sido verdade comprar os bois com dinheiro emprestado? Parecia-lhe um sonho! Ter em casa bois que não lhe pertenciam! Um sonho!

Ia-se experimentar a junta no sítio do costume. A experiência consistia no transporte de uma pipa cheia de água desde o fundo de uma costa até ao cima. Costa arriba! Qual-



quer cristão cansava ali de vazio. Bois carregados deitavam a colada no meio da subida.

— Patrão, boto-lhe a pipa de 30 almudes?

— Faz o que quiseres! Tanto se me dá!

— Faz o que quiseres! Tanto se me dá! Quem manda aqui? Aposto que quer ir lá abaixo experimentar os bois...

— Não. Vai tu.

— Ah! Meu patrão! Nem sei como tem *corage* de ficar à sombra. Vai ser uma romaria que nem a da Santa Eufémia. Venha daí, meu patrão.

— Já te disse que não vou. Leva-los tu e trata-mos com jeito. O gado está mimoso. Não o piques de mais.

— Picar, meu patrão? Quem foi que lhe disse que era preciso picá-los? Vão alancar co'a pipa como dois anjinhos.

Assistiu à experiência toda a freguesia, menos o Sr. Serafim, que tinha ido ao Porto, e o lavrador, que ficara à sombra a magicar mais do que nunca na compra de uma junta de bois daquela maneira com o *dinheiro dos outros*. Nunca tal lhe acontecera.

No fim da experiência, a freguesia deu vivas e procurou o lavrador para lhe dar abraços. O moço queimou em foguetório uns restos de soldada.

O lavrador deu de beber à freguesia, chamou estúpido ao moço e recolheu-se envergonhado. Os bois não eram dele. Voaram com a pipa dos 30 almudes cheia até ao alto da costa? Voassem eles até ao céu! A alegria do lavrador seria a mesma. Os bois pertenciam, por direita razão, ao Sr. Serafim.

Lá se fez a vindima. Os bois, muito bem. A dorna pesou-lhes tanto como caixola de fósforos vazia. O moço, cheio de vaidade, pediu ao patrão franjas e campainhas para os engalanar.

— Temos tempo, temos tempo...

— Olhe, meu patrão. Sabe o que lhe digo? Vossemecê é um triste. Nosso Senhor fez mal em lhe dar tanta riqueza. Desse-ma a mim e ele veria quem lhe dançava a chula *aguardecido*.

O lavrador sorriu-se e esperou ocasião de dançar a chula a seu modo. Logo que vendeu o vinho daquele ano — bem

vendido, por intermédio do Sr. Serafim — pagou os bois e veio para casa abraçar a mulher.

— Agora é que eles são nossos.

— Pois são, filho. Vamos a ver se agora dormes. Os bois tiraram-te o sono.

O lavrador bem se deitou à noite ao lado da consorte, mas a alegria de ter pago também o não deixou pôr olho. Levantou-se da cama altas horas e veio até o pátio berrar pelo moço. Estava luar.

— Ó aleijado! Levanta-te!

— Que é, meu patrão? Que me alevante? Pra quê?

— Quero ver os bois!

— Quer ver os bois? A boas horas! Olha que disparate! Ver os bois! O meu patrão quer ver os bois?

— Quero, diabo! Levanta-te!

— Já lá vou, meu patrão! Acho que é a primeira vez que vossemecê os quer ver...

— Deixa-te de lérias! Bota-os cá fora, que os quero ver!

O moço deitou os bois cá fora. Saíram do eido com a solenidade, a pachorra, a majestade de dois reis antigos. O moço, desperto, veio com eles até ao quinteiro, mas o patrão mandou-o recolher à tarimba.

— Vai-te deitar! A noite está macia. Deita-te, rapaz. Deita-te, Francisco! Deixa cá fora os bois. Eu cá os meto quando forem horas.

Debruçado no parapeito do pátio, contemplou os bichos. Eram duas medas de carne fulva untadas de luar! Deitaram-se, encolheram as patas debaixo da barriga e começaram a remoer com os vagares da noite, dobada como um fio de oiro em redor da lua. O lavrador pensava:

— Agora, sim, agora é que sois meus! Agora já me apetece olhar para vós!

Desceu até ao quinteiro. Palpou os bois desde os cornos até ao rabo. Afagou-lhes a beíça e a barbela. Coçou-os no serro e mediu-lhes os quartos com a mão estendida.

— Francisco! Haverá bois como os meus?

Qual Francisco nem meio Francisco! O Francisco ressonava na tarimba. A única testemunha daquela alegria foi o homem que anda lá em cima na Lua, carregado com um molho de vides desde o princípio do mundo.

## OS CEGOS DE NACOMBA

*Ao Prof. Joaquim de Carvalho*

O rapaz, que era judeu, batia no burro sem necessidade. Fustigava-lhe as orelhas, a barriga e a garupa com uma vara de marmeleiro. Ia em cima do bicho, mas, em vez de lhe agradecer o transporte, magoava-o com chibatadas. Era um tiranete!

O avô, que o acompanhava como arreeiro, palmilhando a estrada com umas chinelas de cordovão quase desfeitas, aconselhava-o humildemente a usar menos vergasta — não fosse o animal ressabiar-se ou pôr-se malhadiço.

— Tange-o só, Malaquias! Não vês que vamos ao fundo? Em vez de lhe zurreres, o que deves fazer é entestar-lhe a rabeira... Ao fundo, é preciso cautela. Puxa-lhe a rabeira e não o castigues.

Este conselho bom era, mas o rapaz não fez caso dele. Naquele dia, não fazia caso de nada, quanto mais do sofrimento de um burro e da advertência de um velho! Ia fazer exame, estreava roupa nova, sabia que o pai tinha uma vinha e sustentava o avô por caridade. Quanto ao burro... Chegando lá abaixo, a sítio plaino, havia de o espotricar à vontade, deixando o velho para trás a remoer-se ou obrigando-o a correr, com a língua de fora, para o agarrar.

Sorria-lhe este plano a tempo que o jumentinho, com a corda bamba, estacou de repente, meteu a cabeça entre as

pernas e sacudiu a metade posterior do corpo com uma valente parelha. O rapaz, cuspidor meia légua, nem assim desagarrou a vara de marmeleiro. Ergueu-se do chão com ela em punho e dirigiu-se ao burro, que parecia esperá-lo com antecipada e santa paciência.

O velho, neste comenos, só lamuriava:

— Eu bem te dizia! Eu bem te dizia!

Quando, porém, o rapaz começou a fustigar o focinho do bicho, dando-lhe nas orelhas, na testa, na beija e na face, o velho pôs-se-lhe diante, em riscos de ser também flagelado, e, com a voz que tivera aos 20 anos, trovejou:

— Tem-te, demónio, que lhe dás nos olhos! Os olhos são sagrados.

O rapaz, que era grosseiro, pôs-se em bicos de pés e perguntou:

— São sagrados porquê?

— Eu te conto...

Ajudou o neto a encarrapitar-se no burro, pediu-lhe, outra vez humilde, a vara de marmeleiro, e apontou com ela para um povinho distante, meia dúzia de casas apagadas na unhada que Nosso Senhor dera num monte.

— Vês aquele povo? É o único que não fumeja. Moram ali os cegos de Nacomba. O povo chama-se Nacomba e só lá vivem cegos. A esta hora, repara bem, não há casal nenhum que não atire ao ar com um punhado de fumo. Nacomba não fumeja, porque os cegos não acendem lume.

»Rédea testa, Malaquias, e ouve! Ouve o que te vou contar dos cegos de Nacomba.

»Não acendem lume porque não atinam para o acender. Comem o que Deus sabe. Comem raízes, frutos bravios e ervas das paredes. E nenhum se atreve a sair de Nacomba com medo de ser apedrejado.

— Porquê?

— Porque os cegos de Nacomba, há um ror de anos, praticaram um crime que não tem perdão.

— Como? Se eles são cegos...

— Ah! Nesse tempo tinham os olhos limpos — não digo como eu, que já enxergo mal, mas como tu. Com olhos que eram a perfeição, iguais aos que tu levas para dar exame

na vila e honrares o teu mestre, que te meteu por eles tanta sabedoria, cometeram esses homens um crime que ainda hoje é toado nestas redondezas. Nunca ouviste falar nos cegos de Nacomba?

»Eram seis irmãos valentes como as armas, mas nenhum deles tinha coração.

»Vontade de trabalhar também não tinham. Passavam os dias nos terreiros a jogar o pino e as noites nas tabernas a jogar o monte. Sobre a madrugada, saíam a passeio e, como quem não quer a coisa, isto é, em ar de brincadeira, iam roubando hortas e currais. Uns valdevinos...

»Ora, por esse tempo, já não é da lembrança de ninguém, contava-o meu pai, ateou-se por aqui, à conta da política, uma guerra civil, que não te digo nada. Sabes o que é uma guerra civil? É pais contra filhos e irmãos contra irmãos até ficarem sem sangue e sem camisa. É uma calamidade. Queira Deus que tu nunca saibas o que isso é com os teus próprios olhos...

O burro, folgado, voltava de espaço a espaço a cabeça para o narrador como se quisesse beber-lhe as palavras. O rapaz, escarranchado na albarda, não despegava os olhos do sítio onde negrejava, na prega de um monte, a aldeia de Nacomba.

— Mas que foi que os cegos fizeram antes de serem cegos?

— Lá vamos. Os cegos, isto é, aqueles mocetões desempenados, mas... tunantes, imaginaram que a guerra lhes havia de dar de comer sem trabalhar. Foram como um só homem oferecer-se a quem tudo mandava no concelho — administrador ou coisa que o valha. Contava o meu pai, que era um homem baixinho com fígados de tigre.

»Muito bem... Os homens lá foram e lá se apresentaram ao tal hominho, que os recebeu de coração aberto. Mandou-lhes dar de comer quanto quiseram, do bom e do melhor, e apetrechou-os a preceito com armas e provimento. Daí a pouco, os seis mancebos eram seis leões à solta por estes povoados. Olha, naquela corda de casas estendidas a toda a largura daquele grande cerro mataram, incendiaram, roubaram e fizeram coisas do arco-da-velha, coisas

que tu, por enquanto, ainda que vás a exame, não podes perceber.

— Que é que eu não compreendo?

— Coisas... Vamos adiante. Os homens mataram, roubaram e incendiaram, naquele grande povo, e, mais ou menos, em todos estes povos que se avistam daqui. Eu disse que eram leões à solta... Eram diabos fora do inferno.

— Caracha!

— Caracha? O pior ainda o não sabes. Lá em riba...

— Não diga *lá em riba*... Diga antes *lá em cima*...

— Pois sim, rapaz... Dizia eu que lá em riba, no lugar dos Escovelos, que é, como sabes, perto da nossa terra, havia uma grande casa, que ainda hoje existe, mas esboroadada... Nessa grande casa vivia uma família composta de pai, mãe, quatro rapazes e duas meninas. É claro que a mãe e as meninas não tinham política, mas o pai e os rapazes eram inimigos do administrador. Andavam a monte para evitarem a morte. A mãe e as meninas tinham também fugido para evitarem descatos piores do que a morte.

»A casa, entregue aos ratos, foi roubada e incendiada da noite para o dia, mas o administrador não ficou satisfeito. O que ele queria era agarrar os inimigos. Incumbiu dessa tarefa os seis irmãos de Nacomba.

»— Se puder ser, trouxei-mos vivos. Se resistirem... Mas trouxei-mos vivos, que hão-de sofrer mais...

»— Presos ao chão é melhor, que nunca mais incomodam. O pior é agarrá-los...

»Os seis irmãos, armados até os dentes, bateram mato como se andassem a perseguir lobos. Salta aqui, cerca acolá, tanto aporfiaram que toparam pai e filhos escondidos na cardenha de um antigo criado.

»Meu pai não sabia dizer se houve luta ou não houve entre assaltantes e assaltados. Se houve guerra, quem levou a melhor foram os assaltantes. Pai e filhos ficaram estendidos, de papo ao ar, a dois passos da cardenha.

»Quando os seis irmãos se apresentaram ao administrador para lhe darem conta do resultado da diligência, o administrador lamentou que não levassem presos os refugiados.

»— Prendemo-los ao chão, que é sempre o melhor. Quantos eram eles? Cinco? Aqui tem Vossa Senhoria a prenda que lhe eles mandam lá do outro mundo. Faça favor de contar...

»Dizendo isto, o mais velho dos irmãos abriu um lenço e mostrou ao administrador os olhos baços dos mortos.

»— Diabo! Isso não se fazia! Os olhos são sagrados. Cegos sejais vós! Maldito seja eu por me meter convosco!

»Foi esta a praga do administrador. Pegou no lenço e fugiu com ele, que ninguém mais o viu. Dizem que enterrou o lenço no aidro de uma igreja.

»Os cegos ainda são vivos. Devem ter mais de 100 anos. Penam além, naquele povo que não fumega. Não acendem lume porque não atinam. Comem raízes, frutos bravios e ervas das paredes. Ninguém os vê, mas sabe-se que existem. São os cegos de Nacomba.

O burro olhou mais uma vez para o velho. O rapaz, escarranchado na albarda, pôs-se a tremer como se tivesse uma sezão. A estrada era já plaina, mas... nada de espotricadelas. O burro seguiu até à vila a passo de anjo.

## ÍNDICE

### *CINZA DO LAR*

Os bois .....	11
Os cegos de Nacomba .....	17
Debaixo de chuva .....	22
O administrador e o oficial .....	26
<i>Jordão</i> .....	33
O menino e a mamã .....	38
Três amigos .....	43
A vaca .....	47
O lenço vermelho .....	51
A sepultura dos pais .....	58
O ladrão .....	68
O regresso da imagem .....	78
Dia de Natal .....	84

### *CASA PATERNA*

#### *CRÓNICA RURAL*

I-XXIII .....	117
---------------	-----



## **CAMINHO DE CONSORTES**

[Nota introdutória] . . . . .	183
Dois anos de viúva . . . . .	185
O melhor hotel da cidade . . . . .	190
De jornada . . . . .	194
O monumento . . . . .	198
O cavalo d'água . . . . .	202
A emancipação da mulher . . . . .	209
A fuga . . . . .	214
Rua Morta . . . . .	217
A Mona . . . . .	222
O cálice . . . . .	225
No palácio amarelo . . . . .	229
O rabequista . . . . .	234
O selim . . . . .	237
Um divertimento . . . . .	244
O falsificador . . . . .	248

## **FOLHAS DE XISTO**

Um rapaz da terra . . . . .	257
A última letra . . . . .	262
Pêlo no rosto . . . . .	266
História dum pastor . . . . .	270
Manhã perdida . . . . .	274
O chefe . . . . .	278
A eleia . . . . .	282
A primeira libra . . . . .	286
O palacete encantado . . . . .	290
Noite de Natal . . . . .	294
D. Estefânia . . . . .	299
Noite de névoa . . . . .	303
A noiva do mar . . . . .	307
Linhas tortas . . . . .	310
A luz eléctrica . . . . .	313
O Tio Pádua . . . . .	317
Falso testemunho . . . . .	321
Noite de fogo . . . . .	324
O juiz substituto . . . . .	327